

Mais*

AMANHÃ TEM MAIS: CABOCLO E CABOCLA RETORNAM PARA A LAPINHA COM MAIS COMEMORAÇÃO

ANA ALBUQUERQUE



O grupo Guarani, de Itaparica, retornou ao desfile do 2 de Julho após dois anos de lacuna por conta da covid

pelo caboclo e a cabocla, que neste ano foram vestidos, respectivamente, das cores do Brasil e da Bahia. Atrás vêm os políticos, além de grupos sindicais e partidários.

O clima foi de relativa paz. Cada um fez próprio trajeto do desfile. A Ladeira do Boqueirão, por exemplo, é tida como um ponto estratégico para quem vai em protesto. "Aqui estamos de frente para o cortejo", explicou Suely Santos, 58, funcionária pública que integra a rede Mulheres Negras da Bahia. No cartaz que levou, a frase: "A carne mais barata do mercado é a negra".

Para ela, o 2 de julho teve ainda mais significado neste ano: "É a retomada da democracia que é uma criança ainda. Estamos em um retrocesso violento. Desde criança, trazida pela família, e depois com as próprias pernas, entendi o 2 de julho como espaço de luta e insurgência".

Depois de perder o acesso a uma das aposentadorias, Marcelina Brito, de 81 anos, foi se divertir, mas cheia de ódio. Hoje vive com um salário-mínimo (R\$ 1,2 mil). "Vim porque gosto de me divertir e venho sempre pela tradição. Mas vim com raiva", disse.

Apesar dos 10 minutos de atraso na saída do cortejo, o caboclo e a cabocla chegaram 30 minutos antes do programado ao caramanchão montado na Praça Thomé de Souza, de onde seguiram para a Praça do Campo Grande. Em frente à Câmara Municipal, pessoas fizeram fila para tocar nos caboclos e, algumas delas, rezar para eles. Quietinha, com flores na mão, Alice dos Santos, 72, se aproximou do caramanchão. "Peço a eles que venham bênçãos e saúde, não estou muito bem", disse. Logo em seguida, os Guarani cantaram seu hino: "Por ele eu lutarei pela defesa do Brasil". Em 2023, estarão de volta para celebrar os 200 anos da Independência da Bahia. Antes, o caboclo e a cabocla fazem o percurso contrário, do Campo Grande à Lapinha, amanhã.

Segundo a programação oficial, o último evento da acontece às 18h30, com a participação da Orquestra do Maestro Reginaldo de Xangô, Fanfarras e Grupos Culturais da capital.

Festa, revolta e amor à Bahia

Dois de Julho Após dois anos sem acontecer, retorno do desfile emociona baianos

Fernanda Santana

REPORTAGEM

fernanda.santana@redebahia.com.br

Quando os dois carros que levavam a cabocla e o caboclo acabaram de passar pelo Barbalho, Marise Oliveira, de 63 anos, chorou novamente. São 20 anos de lágrimas derramadas pela mesma cena – a celebração à Independência da Bahia, no dia 2 de julho de 1823. "Quando você tem amor pelas coisas é assim", diz. Quase em frente a ela, um cartaz em outro sobrado dizia: "Independência é uma ova, voltamos à escravidão".

Depois de dois anos sem a festa popular, anos de perdas e mudanças provocadas pela pandemia da covid-19, baianos voltaram às ruas no dia em que a independência completou 199 anos. Cada um, como costuma ser, experimentou um retorno: uns se emocionaram, como Marise, alguns perguntaram "Que independência é essa?", outros acompanharam os políticos e os mais festeiros

seguiram as fanfarras.

Sob chuva no início do trajeto, a cabocla e o caboclo foram guiados da Lapinha à Praça Thomé de Souza por 100 funcionários da Prefeitura de Salvador, organizados no Batalhão Quebra-Ferro.

Parte da família Alves – Iracema, Douglas e Damião – fez o percurso ao lado das cordas. Cosme, pai de Iracema e irmão de Damião, empurrava a cabocla desde os anos 70. Em março, faleceu. "Hoje seria o aniversário dele. Tive a ideia de a gente vir para cá festejar onde ele sempre festejava", contou a filha.

Em 730 dias sem o cortejo do 2 de julho, outros dois integrantes – Lourival e Geraldo – que participavam do Batalhão por três décadas faleceram. Os antigos colegas lembravam a dupla. Pelas ruas, havia novatos e os veteranos. "Eu nasci nesse clima de desfile, desde cedo estou aqui", disse Lélia Marques, com seus 92 anos, guiada em uma cadeira de rodas pela neta, Samantha, de 37.

Na sacada de uma casa, Marina Borba, seis meses,

apareceu com vestes indígenas. Os caboclos são símbolos da guerra pela independência e não só vão em cima dos carros, na frente do cortejo, como são reverenciados em fantasias. Há 45 anos, Romilda Anunciação, 52, veste-se de Maria Quitéria, outra heroína da independência. "Para mim essa data representa também a minha liberdade. Eu, como Maria Quitéria, fugi de casa, lutei, criei minhas filhas sozinha".

PELA TRADIÇÃO

Descalço, Marcelo Rocha, 32, chegou à Lapinha às 6h30. Acompanhado de outros 19 homens, faz parte dos Guarani, grupo criado em 1939, em Itaparica. Com arco e flecha, cabaças e o atabaque, eles simbolizam o caboclo. "Um orgulho. Venho de baixo de chuva ou de sol", contou ele, que tomou o ferry-boat para vir a Salvador. Outros 15 integrantes foram para São Félix, no Recôncavo Baiano, outro território que lutou pela emancipação local.

Os guaranis acompanham de perto o trajeto percorrido

“ Eu nasci nesse clima de desfile, desde cedo estou aqui” **Lélia Marques**

“ Peço a eles que venham bênçãos e saúde, não estou muito bem **Alice dos Santos**

“ É a retomada da democracia que é uma criança ainda. Estamos em um retrocesso violento. Desde criança, trazida pela família, e depois com as próprias pernas, entendi o 2 de julho como espaço de luta e insurgência **Suely Santos**